

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BIOMA CAATINGA: CONHECIMENTOS POPULARES E ACADÊMICOS.

Adrielly de Lira Moreira¹, Francisca Marta Medeiros dos Santos², Alex Bruno da Silva Farias³

Merilane da Silva Calixto⁴

Universidade Federal de Campina Grande UFCG. E-mail: adrielly.l.moreira@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande UFCG. E-mail: martha.medeiros96@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande UFCG. E-mail: silvaab2@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: merilanecalixto@yahoo.com

Introdução

A etnobotânica é o estudo das relações entre o homem e sua flora, onde a partir de conhecimentos herdados de seus antepassados, se dá ênfase no bem-estar e manuseio correto da flora (GUARIM-NETO, 2000).

Esta grande ciência busca registrar o uso de recursos naturais ocorrentes em determinada região e a forma em que elas são manejadas nas comunidades tradicionais (SILVA, 2015). É a partir da etnobotânica que se investiga o conhecimento e o resgate de saberes tradicionais, relacionados aos recursos de plantas, que são passados de geração em geração (GUARIM-NETO, 2000).

Considera-se um fator negativo quando se faz introdução de novos saberes em uma determinada comunidade tradicional, pois acredita-se que os conhecimentos gerados anteriormente possam ser perdidos (PALMER, 2004). Por outro lado, alguns pesquisadores acreditam que esses novos conhecimentos não causam danos aos conhecimentos anteriores, mas sim agregam novas noções a cultura já existente (BENNETT e PRANCE, 2000).

O uso de plantas medicinais no tratamento de doenças é bastante antigo. Considera-se que vêm do conhecimento popular todos os saberes sobre cura e tratamento de doenças, e mesmo com o grande avanço do conhecimento científico, ainda se faz uso de plantas medicinais para tratar enfermidades, pela sua facilidade em adquirir as mesmas e pelo alto custo de medicamentos sintéticos (VASCONCELOS, 2010).

Percebe-se que com o desenvolvimento dos meios tecnológicos, surge uma necessidade de educar através da internet, tendo em vista que vários programas foram criados para atender às necessidades dos internautas. Dessa forma, a internet tem sido uma ferramenta muito útil estando relacionada à educação (COSTA, 2011).

Nessa perspectiva, objetivou-se analisar os conhecimentos de pessoas com faixa etária de 10 a 60 anos sobre plantas medicinais na Caatinga, bem como a comparação de entrevistados da zona rural e urbana, a fim de detectar se os indivíduos da zona rural têm mais conhecimento sobre o tema abordado.

Metodologia

Foram entrevistados 100 indivíduos, sendo 58% (n=58) do sexo feminino, e 42% (n=42) do sexo masculino. Aplicou-se um questionário de 13 questões que foi desenvolvido no Google formulários, na versão online, onde foi enviado pelas redes sociais para que os sujeitos o respondessem.

As questões foram todas de caráter objetivo, com opção de dissertar apenas se o indivíduo achasse necessário. As respostas eram obrigatórias para evitar erro na estatística do trabalho. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, utilizando o software Excel 2007.

Resultados e Discussão

Do total de 100 entrevistados, 35% possuem ensino superior incompleto, 31% correspondem aos que têm ensino médio completo, 13% possuem ensino superior completo, 9% têm ensino médio completo, 5% têm ensino fundamental completo, 5% ensino fundamental incompleto, indivíduos com mestrado ou doutorado correspondem a 1% dos entrevistados e 1% possui pós-graduação. As idades dos entrevistados variam, sendo que a faixa etária mais abrangente é a de 21 a 30 anos (tabela 1).

Tabela 1. Relação da faixa etária e número em % de indivíduos entre esta faixa etária.

| Idade | % |
|--------------|----------|
| 10 a 20 | 22 |
| 21 a 30 | 54 |
| 31 a 40 | 9 |
| 41 a 50 | 8 |
| 51 a 60 | 2 |
| Não informar | 5 |

Dos 100 entrevistados, 79% residem na zona urbana e 21% na zona rural. Sobre o conhecimento de plantas medicinais, os indivíduos da zona urbana conhecem apenas de 0 a 5 plantas (51,90%), de 6 a 10 plantas (21,52%) ou mais de 10 plantas medicinais (26,58%). Na zona rural, dos 21 entrevistados houve empate em relação ao número de plantas que eles conhecem,

como mostra na tabela 2, em que 7 responderam conhecer de 0 a 5 plantas, 7 de 6 a 10 e 7 conhecem mais de 10 plantas. Acredita-se que os indivíduos da zona rural, morem em sítios com costumes e crenças diferentes.

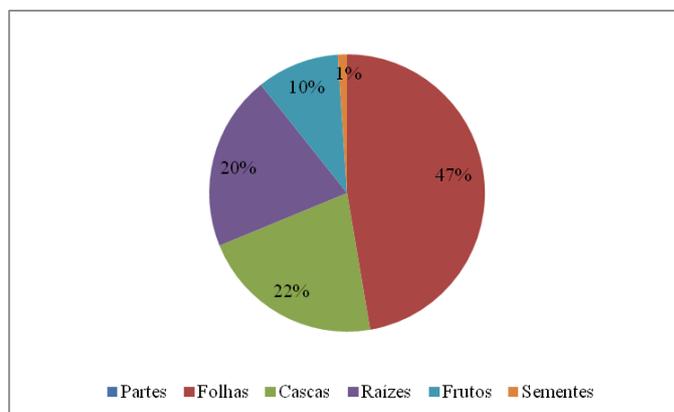
Tabela 2. Citações a respeito de número de plantas conhecidas pelos entrevistados

| Zona Urbana | 79 |
|----------------------------------|-----------|
| Número de plantas/ indivíduos | |
| 0 a 5 | 41 |
| 6 a 10 | 17 |
| mais de 10 | 21 |
| Zona Rural | 21 |
| Número de plantas/ indivíduos | |
| 0 a 5 | 7 |
| 6 a 10 | 7 |
| mais de 10 | 7 |

A partir dos dados obtidos, percebe-se a maioria dos indivíduos residentes da zona urbana conhecem até cinco plantas e estão mais propícios a buscar uma orientação médica, sem contar na facilidade de adquirir medicamentos sintéticos. Isso pode ser ligado ao fato do contato limitado com as plantas, enquanto os da zona rural, foi observado que 33,33% conheciam mais de 10 plantas, totalizando 1/3 dos entrevistados dessa respectiva zona.

Foi observado que as partes da planta que são mais utilizadas para fins medicinais são as folhas, cascas, raízes, frutos e sementes (Figura 1).

Figura 1. Categorização dos padrões de respostas obtidos dos entrevistados a respeito do questionamento: Quais as partes da planta você mais utiliza?



Quanto às plantas mais utilizadas, o boldo ficou em primeiro lugar, onde 74 pessoas fazem uso frequente, seguido pela erva-cidreira (72), erva-doce (52), macela (52), camomila (52), hortelã (42), alecrim (18) e canela (1).

A partir das informações obtidas, conclui-se que o uso de plantas medicinais é bem distribuído em toda a caatinga, porém observa-se graus de conhecimentos diferentes nos indivíduos entrevistados, isso pode variar de uma localidade para outra, bem como dos seus costumes e tradições.

Entretanto, existe uma diferença entre o saber científico e o popular, e essa interação é indispensável para que as lacunas sejam desfeitas, e para isso é exigido muito cuidado pela comunidade científica ao trabalharem com o conhecimento popular, para que a tradição não seja perdida e se torne um ambiente aconchegante desses dois olhares diferentes.

Referências

PALMER, C.T. The inclusion of recently introduced plants in the Hawaiian ethnopharmacopeia. **Economic Botany** , v.58, n.1, p. 280-293, 2004.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G.T Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economic Botany** , v.54, n.1, p. 90-102, 2000.

COSTA, J.C. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. Ver. Bras. Pl. Med., Campinas, v.18, n.1, p 125-134, 2016.

GUARIM NETO. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae jussieu. Acta bot. Bras, 2000.

VASCONCELOS, D. A. Plantas medicinais de uso caseiro: conhecimento popular na região do centro do município de Floriano/PI.

COSTA, A. L. P. O. Moodle no curso de ciências biológicas a distância: análise das contribuições no processo de ensino e aprendizagem. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: < <https://static.scielo.org/scielobooks/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf> >. Acesso em: 19/10/2017



CHIBANTE, C. L. P. Saberes e práticas no cuidado centrado na pessoa com feridas. Escola Anna Nery 21 (2), 2017.